Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Inês Cavalheiro Pereira Lomba

Estilos de processamento emocional e psicopatia em mulheres reclusas

junho de 2024

Estilos de processamento emocional em Psicopatia em mulheres reclusas

Inês Lomba

UMinho | 2024

Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Inês Cavalheiro Pereira Lomba

Estilos de processamento emocional e psicopatia em mulheres reclusas

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Olga Cunha

Professora Doutora Sónia Caridade

junho de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

O término desta dissertação não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas que sempre estiveram ao meu lado e não me deixaram desistir.

Quero agradecer às minhas orientadoras, Professoras Olga Cunha e Sónia Caridade, por toda a ajuda, apoio, incentivo e orientação que me deram ao longo deste ano letivo, e que permitiu que eu conseguisse finalizar esta etapa. Quero realçar o quanto agradeço toda a compreensão que tiveram comigo ao longo de todo o desenvolvimento deste projeto, sem isso não teria conseguido chegar aqui.

Ao meu namorado que sempre me apoiou, deu força e motivação para não desistir. Acreditou em mim mesmo quando eu já não acreditava e ajudou-me sempre que eu precisei. Obrigada por tudo. Não tenho palavras para expressar aquilo que significas para mim.

Aos meus pais e irmão que fizeram com que fosse possível fazer esta caminhada de cinco anos, pelo suporte emocional, apoio e, independentemente da forma, por contribuírem para eu perceber o quão forte e lutadora sou.

Quero agradecer ao meu tio Paulo, à minha tia Isabel, e aos meus primos, Cecília e André, porque sem eles não teria a possibilidade de concluir esta etapa da minha vida. Obrigada por todo o apoio, carinho, preocupação e amor que me deram quando eu mais precisei. Obrigada por me terem dado a mão e por não terem desistido de mim. Nunca vou conseguir agradecer tudo o fizeram por mim e nunca me vou esquecer disso.

Aos pais do meu namorado pela ajuda, preocupação e amor que me deram quando eu mais precisava e por permitirem que a conclusão deste ciclo fosse possível.

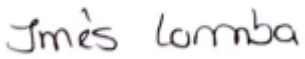
À minha amiga Marina que sempre me apoiou em tudo, me deu força e coragem para continuar. Obrigada por tudo. Sem ti eu não teria conseguido finalizar este projeto, porque quando eu já tinha desistido foram as tuas palavras que me deram ânimo, motivação e me fizeram acreditar em mim e nas minhas capacidades.

Quero agradecer à minha amiga Ana Beatriz que esteve sempre ao meu lado, me apoiou, orientou e ajudou quando eu mais precisei. Sem ela não teria conseguido finalizar esta etapa da minha vida.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.



Inês Cavalheiro Pereira Lomba

Estilos de processamento emocional e psicopatia em mulheres reclusas

Resumo

A investigação sobre a psicopatia em mulheres tem vindo a aumentar, no entanto, são escassos os estudos sobre o processamento emocional em amostras forenses de mulheres com traços de psicopatia, principalmente em Portugal. O objetivo deste estudo é caracterizar o processamento emocional em mulheres em reclusão com e sem propensão psicopática e comparar o processamento emocional em ambos os grupos. A amostra foi constituída por 113 mulheres em situação de reclusão em Portugal, com idades compreendidas entre os 20 e 81 anos, sendo a média de 42.75 anos (DP=11.16). Estas foram avaliadas através da Escala de Autorrelato da Psicopatia – Forma Breve (SRP-SF) e da Escala de Processamento Emocional (EPS-25). Os resultados mostraram que mulheres em situação de reclusão e mulheres com propensão psicopática apresentaram dificuldades em suprimir emoções e uma maior aptidão (ainda que menor que a população normativa) para controlar as mesmas e que mulheres sem propensão psicopática evidenciam maiores dificuldades em processar sinais emocionais e maiores facilidades no controlo emocional (ainda assim menor do que a população normativa). Não foram encontradas diferenças significativas entre mulheres com e sem propensão psicopática ao nível do processamento emocional. Este estudo destaca a necessidade de desenvolvimento de políticas específicas para mulheres reclusas.

Palavras-chave: estilos de processamento emocional; psicopatia; propensão psicopática; reclusão; mulheres.

Emotional processing styles and psychopathy in incarcerated women

Abstract

The investigation about psychopathy in women as been increasing, however there are very few studies about emotional processing with forensic samples from women with psychopathic traits, mainly in Portugal. The purpose of this study is to characterize the emotional processing of incarcerated women with and without psychopathic propensities and comparing the emotional processing of both groups. The sample consisted of 113 incarcerated women in Portugal, with ages between 20 and 81 years old, with an average of 42.75 years (SD=11.16). The women from the sample were evaluated by the Self-Report Psychopathy Scale-Short form(SRP-SF) and by the Emotional Processing Scale (EPS-25). The results showed that women in prison and women with psychopathic propensities showed more difficulties suppressing emotions and a greater (although lower than in the normative population) ability to control them and the women without psychopathic propensities show greater difficulties processing emotional signals and greater ease to control emotions (but still lower than the normative population). No significant differences were found between women with and without psychopathic propensity at the level of emotional processing. This study highlights the need to development specific policies for incarcerated women.

Keywords: emotional processing styles; psychopathy; psychopathic propensities; incarceration; women

Índice

Enquadramento teórico....10
Criminalidade Feminina....10
Modelos explicativos da criminalidade feminina....10
Psicopatia em mulheres reclusas....12
Psicopatia e processamento emocional em mulheres reclusas....13
Método....16
Participantes....16
Instrumentos....18
Procedimento....19
Análise de dados....20
Resultados....20
Discussão....26
Conclusão....29
Referências bibliográficas....30

Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica e Sociojurídica das participantes....16
Tabela 2- Média e desvio-padrão do SRP-SF e respetivas subescalas e do EPS-25 e respetivas subescalas 21
Tabela 3.1 - Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra total de mulheres em reclusão....22

Tabela 3.2 - Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra de MSPP.....23

Tabela 3.3 - Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra de MCPP.....24

Tabela 4 - Diferenças no processamento emocional entre os dois grupos (MSPP e MCPP).....25

Lista de abreviaturas

SRP-SF - Escala de Autorrelato da Psicopatia – Forma Breve

EPS-25 – Escala do Processamento Emocional

MSPP – Mulheres sem propensão psicopática

MCPP – Mulheres com propensão psicopática

Enquadramento Teórico

Criminalidade Feminina

Historicamente, o mundo do crime era associado apenas ao sexo masculino, como tal a criminalidade feminina foi um fenómeno menosprezado e que não foi tratado como um problema social, o que leva, consequentemente, a uma menor investigação acerca da mesma (Arnekrans, 2016; Islam et al., 2014). Atualmente, a população reclusa feminina tem vindo a aumentar o que, de acordo com alguns estudos (e.g., de Castro Rodrigues et al., 2022), pode ser justificado pela mudança nas respostas oficiais ao comportamento criminal feminino e não resultado do aumento da taxa da criminalidade feminina.

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (Sistema de Segurança Interna [SIS], 2024), Portugal registou 4.850 mulheres com penas e medidas em execução no âmbito penal, o que representa uma diminuição de 6.29% comparativamente a 2022. Mais especificamente, assinalou a existência de 906 mulheres a cumprir pena de prisão, o que se traduz num aumento, face a 2022, de 2.32%. Face a este acréscimo, os estudos sobre a criminalidade feminina também têm aumentado e revelam que as mulheres se envolvem tendencialmente em crimes não violentos, mais especificamente crimes contra a propriedade, furtos, fraude e tráfico de droga, mas também perpetram crimes violentos, que são crimes com recurso a violência física ou psicológica e que causam um forte sentido de insegurança, por exemplo os homicídios (Arnekrans, 2016; Campaniello, 2019; Islam et al., 2014; SIS, 2024).

Assim sendo, conhecer as causas que levam à criminalidade feminina é essencial tanto para a prevenção como para a intervenção nesta população forense. Vários fatores causais têm sido apontados para este fenómeno, como por exemplo, a pobreza, a educação, a cultura patriarcal, os papéis de género, o uso de drogas, relações pessoais e familiares perturbadas, racismo institucionalizado, sexismo e desvantagens económicas (Arnekrans, 2016; Bernard, 2013; Campaniello, 2019; Wang & Stamatel, 2019).

Modelos explicativos da criminalidade feminina

As teorias explicativas da criminalidade foram sobretudo desenvolvidas para compreender o comportamento criminal masculino e depois alargadas à explicação do comportamento criminal feminino. De entre as diferentes abordagens aplicadas à criminalidade feminina, destacam-se a teoria geral do crime, desenvolvida por Gottfredson e Hirschi (1990), que enfatiza que o comportamento criminal é desencadeado por características pessoais dos indivíduos (Longshore, 1998). Estes autores

propõem que baixos níveis de autocontrolo são a principal causa individual do comportamento criminal e que a oportunidade criminal condiciona esta relação entre o autocontrolo e o crime (Longshore, 1998).

A teoria da oportunidade, desenvolvida por Simon (1975), defende que o sexo masculino tem mais oportunidades sociais, competências e rede social do que as mulheres e, por isso, maior envolvimento em atividades criminosas (Islam et al., 2014). Para além disto, foca que o aumento da instrução e da independência por parte das mulheres leva a uma maior capacidade de resolução de problemas e, consequentemente, a um menor envolvimento em crimes violentos por parte destas, visto que geralmente cometem atos violentos contra os maridos ou parceiros amorosos (Islam et al., 2014). Assim, esta teoria postula que o aumento das oportunidades para o sexo feminino reduz as taxas da criminalidade feminina, no que concerne a crimes violentos, mas poderá aumentar o envolvimento em crimes contra a propriedade, furtos, fraude e falsificação de documentos (Islam et al., 2014).

Outro modelo explicativo é a teoria da associação diferencial, elaborada por Sutherland (1939), que tem como pressuposto que o comportamento criminoso é aprendido por associação a pares pró-criminais. Mais especificamente, esta teoria foca que o envolvimento em atividades criminosas não é herdado, mas sim aprendido por meio da comunicação interpessoal, onde ocorre transmissão de competências, valores, motivos e sentimentos do mundo do crime, da interação social e pretensa a grupos pró-criminais que leva, consequentemente, à habituação e normalização da prática de crimes (Ahmad & Ali, 2015).

A teoria da modernização, de Shelley (1981), fundamenta que a industrialização e urbanização associadas à modernização económica contribuem para o aumento da prática de crimes, bem como o não cumprimento das normas sociais. O ajustamento a esta realidade leva à diminuição dos crimes violentos, mas ao aumento dos crimes contra a propriedade, dado que melhores condições económicas contribuem para o aumento das oportunidades criminais (Wang & Stamatel, 2019).

Por fim, a teoria da marginalização económica, desenvolvida por Lind (1986), postula que a pobreza aumenta a probabilidade de as mulheres se envolverem em atividades criminosas, uma vez que estas têm menos controlo social e menos recursos sociais. Esta teoria também assenta que o tipo de crime predominante por parte de mulheres com um nível socioeconómico baixo são os crimes contra a propriedade (Wang & Stamatel, 2019).

Psicopatia em mulheres reclusas

No que concerne ao estudo da psicopatia, verifica-se uma carência de investigação com mulheres, dado que só nos últimos anos é que se começou a estudar este construto em amostras femininas, visto que, até então, essa investigação era maioritariamente focada no sexo masculino (Tully et al., 2021; Vasconcellos et al., 2014). Isto pode ser justificado pelo facto de a prevalência da psicopatia ser mais elevada em homens do que em mulheres, bem como por a maior parte dos estudos sobre este tema recorrerem à população reclusa e existir uma menor proporção de mulheres em situação de reclusão comparativamente aos homens (Pinheiro et al., 2020; Tully et al., 2021). Outra explicação pode centrar-se no facto de existirem diferenças de género motivadas por fatores físicos, culturais, socioeconómicos, políticos e legais, assim como devido a restrições metodológicas e de avaliação (Pinheiro et al., 2022; Pinheiro et al., 2023; Vasconcellos et al., 2014) que impactam na forma como se procura compreender a criminalidade praticada por homens e mulheres.

A psicopatia é uma perturbação da personalidade caracterizada por traços interpessoais (e.g., mentir patológico, loquacidade), afetivos (e.g., ausência de empatia, remorsos e culpa, superficialidade afetiva), de estilo de vida (e.g., necessidade de estimulação, impulsividade, estilo de vida parasita) e antissociais (e.g., défice no controlo comportamental, versatilidade criminal; Neumann et al., 2007; Seara-Cardoso et al., 2020). Esta pode ser dividida em psicopatia primária e secundária, sendo que a primeira foi definida como resultado de um défice afetivo relacionado com a falta de consciência, uma baixa capacidade de desenvolver relações normativas, ausência de culpa ou ansiedade e a segunda explicada como uma perturbação afetiva, potenciada por dificuldades de relacionamento na infância ou maus-tratos na infância (Karpman, 1941). No que concerne ao sexo feminino, existe maior propensão para a psicopatia secundária, evidenciando comportamentos violentos e desviantes, não cumprimento de regras, problemas do foro psicológico e historial de tentativas de suicídio (Pinheiro et al., 2023).

A investigação documenta que a psicopatia nas mulheres está associada a taxas mais altas de reclusão, o que contribui para o aumento da população reclusa feminina, visto que portadoras desta perturbação têm mais probabilidade de perpetrarem crimes violentos, bem como maior probabilidade de reincidência, maior versatilidade criminal e baixo envolvimento em programas de intervenção (Brook et al., 2013; Tully et al., 2021).

Psicopatia e processamento emocional em mulheres reclusas

A psicopatia tem também sido associada a défices no processamento emocional. Este pode ser definido pela forma como os indivíduos processam e absorvem as emoções associadas a acontecimentos adversos da vida e, desta forma, uma interação complexa de mecanismos afetivos, cognitivos e comportamentais imprescindíveis para a experiência emocional. Para a sua medição podem ser utilizados diferentes métodos, tais como o reconhecimento de categorias emocionais, a experiência subjetiva da emoção e as respostas psicofisiológicas a conteúdo emocional (Casey et al., 2013; Novakova et al., 2015; Pinheiro et al., 2023). Assim, indivíduos com dificuldades no processamento emocional podem evidenciar incapacidade para reconhecer, identificar e descrever as próprias emoções e as dos outros, o que pode explicar diversas características alusivas à psicopatia, como a superficialidade, a indiferença pelos sentimentos dos outros e a ausência de remorsos ou vergonha (Casey et al., 2013; Eisenbarth et al., 2008; Habel et al., 2002; Herpertz & Sass, 2000; Pinheiro et al., 2023).

Sutton et al. (2002) apoiam a hipótese de que o défice de processamento emocional das mulheres com traços psicopáticos não é semelhante ao dos homens com psicopatia. Esta diferença pode advir de algumas características da personalidade e sintomas comportamentais que não são semelhantes nos dois sexos, e que consequentemente podem ou não levar a diferentes manifestações dos traços psicopáticos associados ao défice no processamento emocional. Por exemplo, mulheres com traços psicopáticos apresentam maior ansiedade em situações ameaçadoras, menor motivação para recompensas monetárias, maior capacidade de autorregulação emocional, menor desregulação comportamental e desinibição relativamente a homens psicopatas (Sutton et al., 2002). No entanto, esta temática em amostras femininas ainda carece de bastante investigação, principalmente no contexto português, o que leva à falta de evidência empírica que fundamente esta hipótese (Pinheiro et al., 2020), o que também contribui para a importância do presente estudo.

O estudo realizado por Iria e Barbosa (2009) tinha como objetivo investigar se a reduzida capacidade de ofensores do sexo masculino com psicopatia em reconhecer medo nas expressões faciais podia ser generalizada para homens não ofensores e ofensores sem psicopatia. Os resultados obtidos demonstraram que o défice na capacidade de reconhecer medo está também presente em psicopatas não ofensores, contudo, o mesmo não se constata em ofensores sem psicopatia. Deste modo, este estudo enfatiza a existência de um anormal processamento emocional nos psicopatas,

independentemente de serem ou não ofensores, dado o défice no processamento de emoções nas expressões faciais.

Das poucas investigações realizadas com amostras femininas e que abordam a associação entre a psicopatia e processamento emocional, o foco tem sido na capacidade de categorização de expressões faciais de mulheres com psicopatia, tendo estas investigações evidenciado que o processamento emocional é mais reduzido para o medo e para a tristeza (Eisenbarth et al., 2008; Eisenbarth et al., 2013).

O estudo realizado por Eisenbarth et al. (2008), em que o intuito era verificar, através de apresentações de imagens, as diferenças na categorização e avaliação de expressões faciais emocionais entre mulheres ofensoras psicopatas, não psicopatas e um grupo de controlo de mulheres ofensoras sem perturbações, demonstrou um declínio no desempenho da categorização das emoções desde as mulheres sem perturbações, para as não psicopatas ofensoras e psicopatas ofensoras, que tiveram pior desempenho em todas as emoções, menos na felicidade. Para além disso, este estudo evidenciou que o grupo de psicopatas se diferenciava do grupo de não psicopatas ofensoras na expressão emocional de tristeza, quando o estímulo era apresentado com uma curta duração. Em consonância, Sutton et al. (2002), examinaram o processamento emocional de mulheres em situação de reclusão com e sem psicopatia, constatando que mulheres com psicopatia tinham uma resposta anormal de sobressalto a imagens desagradáveis. Verona et al., (2013), com o objetivo de compreender os défices afetivos em mulheres com psicopatia, verificaram que mulheres com traços psicopáticos exibiram défices na reatividade perante imagens desagradáveis, em especial imagens de indivíduos em sofrimento, o que enfatiza a insensibilidade de indivíduos com psicopatia perante o sofrimento dos outros (Pinheiro et al., 2023).

A investigação tem vindo a enfatizar os défices emocionais como característica principal da psicopatia, assistindo-se, por isso, a um aumento das teorias etiológicas que pretendem explicar os mecanismos subjacentes à psicopatia no que diz respeito ao processamento emocional deficitário. Por exemplo, a hipótese dos baixos níveis de medo (Lykken, 1995), postula que indivíduos com psicopatia são capazes de experienciar algumas emoções, no entanto, têm uma capacidade diminuta no que concerne à ativação do sistema de medo, e apresentam uma falha na antecipação de consequências e no condicionamento de medo, o que leva a não conseguirem inibir comportamentos desajustados socialmente e puníveis (Brook et al., 2013; Fowles & Dindo, 2009).

Para além disto, a hipótese do mecanismo de inibição da violência (Blair, 1995) afirma que os psicopatas conseguem vivenciar algumas emoções, no entanto, têm dificuldades em descodificar estímulos emocionais. Mais especificamente, têm fraca capacidade de compreender sinais de sofrimento associados à tristeza e ao medo, o que leva a incapacidade de inibir comportamentos agressivos (Brook et al., 2013; Eisenbarth et al., 2008).

Existem ainda duas perspetivas, desenvolvidas por Cleckley (1941), que focam na especificidade do défice. Uma delas é a perspetiva do défice emocional geral que realça a reduzida capacidade de experienciar emoções em geral, por parte de indivíduos com psicopatia, e que, consequentemente, afeta a avaliação que fazem de determinadas situações, tornando-os incapazes de antecipar as consequências emocionais geradas pelos seus comportamentos, tanto para si como para os outros (Brook et al., 2013). A outra perspetiva é a do défice emocional específico que destaca que os psicopatas são caracterizados por essa incapacidade de experienciar emoções, no entanto, isso só acontece para tipos específicos de situações emocionais (Brook et al., 2013).

Em concordância, estas teorias enfatizam que os défices emocionais têm por base uma disfunção na amígdala, que é o principal sistema responsável por preparar uma resposta emocional face a determinada situação. Consequentemente, esta disfunção origina a anormalidade no processamento emocional quando a informação emocional está relacionada com o medo, no caso da hipótese do baixo medo, com sinais de sofrimento, medo e tristeza, na hipótese do mecanismo de inibição da violência, e com qualquer tipo de emoção, na perspetiva do défice emocional geral (Blair, 2005; Brook et al., 2013).

Assim sendo, o presente estudo tem como objetivo principal caracterizar o processamento emocional de mulheres ofensoras, sendo por isso um estudo de elevada pertinência, não só devido à escassez de estudos sobre esta temática, mas também porque seria um considerável contributo para a intervenção. Especificamente, o estudo pretende: i) caraterizar o processamento emocional em mulheres com e sem propensão psicopática em situação de reclusão; e ii) comparar o processamento emocional entre mulheres com e sem propensão psicopática em situação de reclusão

Tomando em consideração estudos que enfatizam a existência de um défice no processamento emocional em mulheres com psicopatia (Eisenbarth et al., 2008; Eisenbarth et al., 2013; Sutton et al, 2022), hipotetiza-se que mulheres em situação de reclusão com propensão psicopática apresentam uma maior dificuldade no processamento emocional comparativamente a mulheres em situação de reclusão sem propensão psicopática. Para além disto, este estudo pretende responder à seguinte questão de

investigação: Quais os estilos de processamento emocional que as mulheres em situação de reclusão, com e sem propensão psicopática, mais evidenciam?

Método

Este estudo assumiu uma natureza quantitativa, transversal e exploratório, com uma amostra de conveniência de mulheres em situação de reclusão.

Participantes

A amostra do presente estudo foi composta por 113 mulheres em situação de reclusão em Estabelecimentos Prisionais Femininos do norte e centro de Portugal, com idades compreendidas entre os 20 e 81 anos, sendo a média de 42.75 anos (DP=11.16). Os critérios de inclusão deste estudo foram: a) idade igual ou superior a 18 anos e b) capacidade de compreensão e leitura da língua portuguesa. A maioria das participantes era de nacionalidade portuguesa (83.2%) e eram detentoras do ensino secundário (31%). 75.2% não apresentava nenhuma condenação anterior em pena de prisão efetiva, sendo a média da idade da primeira reclusão de aproximadamente 37 anos (DP=11.78). A duração da atual pena de prisão variou entre os 9 e os 300 meses (25 anos), sendo a média de 95.44 meses (DP=66.99) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica e Sociojurídica das participantes

	MSPP (N=92)	MCPP (N=21)	*Mann-Whitney*			Amostra total (N=113)
	M (DP)	M (DP)	*U*	*p*	d de Cohen	M (DP)
Idade	44.78 (10.79)	33.86 (8.04)	396.00	<.001	.862	42.75 (11.16)
Idade da primeira reclusão	39 (11.35)	28.25 (9.54)	362.50	<.001	.923	36.91 (11.78)
Duração da atual pena (meses)	93.85 (66.33)	103.20 (71.99)	505.50	.641	.675	95.44 (66.99)
	MSPP (N=92)	MCPP (N=21)	Qui-Quadrado			Amostra Total (N=113)
	n (%)	*n* (%)	χ^2		V de Cramer	*n* (%)

Estado Civil					
Solteira	39 (42.4)	16 (76.2)	8.90*	.281	55 (48.7)
Divorciada/Separada	16 (17.4)	3 (14.3)			19 (16.8)
Viúva	6 (6.5)	0 (0)			6 (5.3)
Casada/União de facto	31 (33.7)	2 (9.5)			33 (29.2)
Nacionalidade					
Portuguesa	76 (82.6)	18 (85.7)	7.73	.261	94 (83.2)
Outra	16 (17.5)	3 (14.4)			19 (16.8)
Filhos					
Sim	80 (87.0)	18 (85.7)	0.02	.014	98 (86.7)
Não	12 (13.0)	3 (14.3)			15 (13.3)
Filhos no EP				.204	
Sim	1 (1.1)	2 (9.5)	4.71*		3 (2.7)
Não	91 (98.9)	19 (90.5)			110 (97.3)
Nível de escolaridade					
Analfabeta	3 (3.3)	0 (0)	6.09	.232	3 (2.7)
1º ciclo	24 (26.1)	2 (9.5)			26 (23.0)
2º ciclo	14 (15.2)	6 (28.6)			20 (17.7)
3º ciclo	19 (20.7)	5 (23.8)			24 (21.2)
Secundário	27 (29.3)	8 (38.1)			35 (31.0)
Ensino Superior	5 (5.4)	0 (0)			5 (4.4)
Idade de início dos consumos					
Sem consumos	50 (54.3)	6 (28.6)	15.08*	.365	56 (49.6)
Antes dos 12 anos	1 (1.1)	0 (0)			1 (0.9)
Entre os 12 e os 16 anos	13 (14.1)	11 (52.4)			24 (21.2)
Depois dos 16 anos	28 (30.4)	4 (19)			32 (28.3)
Tipo de consumos					
Álcool	7 (7.6)	0 (0)	15.91*	.365	7 (6.2)
Droga	28 (30.4)	7 (33.3)			35 (31.0)
Álcool e Droga	7 (7.6)	8 (38.1)			15 (13.3)
Situação jurídico-penal					
Primária	70 (76.1)	15 (71.4)	0.20	.042	85 (75.2)
Reincidente	22 (23.9)	6 (28.6)			28 (24.8)
No mesmo crime	18 (19.6)	1 (4.8)	10.41*	.303	19 (16.8)
Num crime diferente	4 (4.3)	5 (23.8)			9 (8.0)
Preventiva	18 (19.6)	6 (28.6)	0.83	.086	24 (21.2)
Condenada	74 (80.4)	15 (71.4)			89 (78.8)
Tipo de crime					

Tráfico de estupefacientes	41 (44.6)	8 (38.1)	0.29	.051	49 (43.4)
Homicídio qualificado	13 (14.1)	4 (19)	0.32	.054	17 (15.0)
Furto qualificado	15 (16.3)	1 (4.8)	1.87	.129	16 (14.2)
Roubo qualificado	7 (7.6)	5 (23.8)	4.73*	.205	12 (10.6)
Outros	16 (17.4)	3 (14.3)			19 (16.8)
Sanções disciplinares					
Não	69 (75)	10 (47.6)	6.09*	.232	79 (69.9)
Sim	23 (25)	11 (52.4)			34 (30.1)

Nota. MSPP= Mulheres sem propensão psicopática; MCPP= Mulheres com propensão psicopática; *valores estatisticamente significativos (p <.05)

Instrumentos

O questionário sociodemográfico e sociojurídico foi preenchido através da análise documental dos processos de cada participante e a partir das informações prestadas pelas mesmas. Este questionário continha informações relativas ao sexo, idade, escolaridade, nacionalidade, estado civil, habilitações literárias, profissão, filhos, estado de saúde física e psicológica, crime cometido, duração da atual pena, reincidência, idade da primeira pena, antecedentes criminais e consumos.

A Escala de Autorrelato da Psicopatia – Forma Breve (SRP-SF; Paulhus et al., 2016, adaptado para a população portuguesa por Seara-Cardoso et al., 2020) é um questionário de autorrelato, que avalia a psicopatia com base nas respostas a 29 itens, numa escala do tipo *Likert* de cinco pontos ("discordo fortemente", "discordo", "neutro", "concordo" e "concordo fortemente). Os itens que constituem a escala agrupam-se em quatro facetas – interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial - sendo que cada faceta da psicopatia é composta por sete itens, à exceção da antissocial que inclui oito itens. No que diz respeito às quatro facetas, a subescala interpessoal avalia características pró-criminais, como o mentir patológico e a manipulação; a afetiva refere-se aos aspetos afetivos da psicopatia, por exemplo a empatia, a ausência de culpa e de preocupação pelos outros; a estilo de vida explora os comportamentos impulsivos e irresponsáveis; e, por último, a subescala antissocial relaciona-se com os comportamentos antissociais visíveis. Este instrumento apresenta um alfa de Cronbach de .87, tendo por isso uma consistência interna adequada (Seara-Cardoso et al., 2020). Neste estudo, o alfa de Cronbach para a escala completa foi de .88 e de .77 para a faceta interpessoal, .56 para a afetiva, .76 para o estilo de vida e .69 para a antissocial.

A Escala de Processamento Emocional (EPS-25; Backer, 2000, validada para a população portuguesa por Leitão & Torres, 2015) é um questionário de autorrelato, constituído por 25 itens, que se agrupam em cinco fatores, sendo que cada um é constituído por cinco itens. As perguntas são avaliadas numa escala de *Likert* de nove pontos de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". Este questionário tem como propósito identificar estilos e défices de processamento emocional e mensurar alterações nas dimensões do mesmo. As cinco dimensões desta escala são: supressão, que avalia os estados emocionais negativos, bem como a sua expressão; controlabilidade, que permite aferir a incapacidade de controlar emoções negativas poderosas e dirigidas para o exterior; experiência, que avalia a experiência emocional empobrecida (desligada e desconectada); emoção não processada, que avalia os sinais emocionais não processados; e o evitamento, que explora sobre o evitamento experimental ou interno face aos gatilhos emocionais (Baker et al., 2010; Lauriola et al., 2021). Este instrumento apresenta um alfa de Cronbach de .92 (Baker et al., 2010). No presente estudo, o alfa de Cronbach para a escala completa foi de .93 e de .86 para a subescala supressão, .78 para a controlabilidade, .80 para a experiência, .85 para a emoção não processada e .69 para o evitamento.

Procedimento

Este estudo insere-se num estudo mais amplo, que foi submetido para apreciação à Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) da Universidade do Minho, tendo obtido um parecer favorável à sua realização (CEICSH 153/2022). Ainda assim, para a recolha dos dados, foi necessário realizar um pedido de autorização à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e aos/às autores/as dos instrumentos que foram utilizados. Após a obtenção de todas as autorizações, procedeu-se ao contacto com os Estabelecimentos Prisionais com o intuito de agendar as recolhas. As participantes foram convidadas a participar com a ajuda dos técnicos presentes nos locais, que identificaram as reclusas que cumpriam os critérios de inclusão acima descritos. As mulheres que mostraram interesse em participar dirigiram-se a gabinetes individuais com a investigadora, onde preencheram, em formato de papel, um consentimento informado, que foi assinado antes da participação no estudo, sendo a assinatura condição necessária para a realização do mesmo. Neste consentimento constavam informações relativas a este estudo, como os objetivos da investigação, os critérios de inclusão, a inexistência de implicações da participação, a confidencialidade e anonimato dos dados, o cariz voluntário da participação e o direito de desistir a qualquer momento. Seguidamente, cada participante preencheu em apenas uma sessão, de forma individual, os questionários referidos em

cima, exceto o sociodemográfico e sociojurídico, que foi preenchido pela investigadora. Durante todo o processo de recolha de dados, foi priorizado o cariz voluntário da participação, com o intuito de evitar qualquer tipo de ação coerciva sobre as reclusas, tendo sempre em atenção as características da população que a torna especialmente vulnerável. A participação neste estudo durou aproximadamente 20 minutos e não envolveu qualquer benefício, nem qualquer tipo de custo para as participantes. O processo de recolha de dados decorreu entre setembro de 2023 e fevereiro de 2024,

Análise de dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software* estatístico *Statistic Package for the Social Sciences* (SPSS), na versão 29. De forma a caracterizar a amostra e de responder ao primeiro objetivo foi utilizada estatística descritiva (frequências, médias e desvios-padrões) (Martins, 2011).

Com o intuito de responder ao segundo objetivo foi utilizado um teste de diferenças em contexto de *design* inter-sujeito, mais especificamente, recorreu-se ao teste de *Mann-Whitney* e a testes de associação, mais concretamente o Coeficiente de Correlação de *Spearman*, uma vez que os pressupostos da normalidade dos dados não estavam garantidos (Martins, 2011).

No sentido de testar a nossa hipótese e questão de investigação, a amostra foi dividida em dois grupos – mulheres com e sem propensão psicopática – sendo que o critério utilizado para esta divisão foi a obtenção de uma pontuação total igual ou superior de 70 no instrumento SRP-SF, conforme sugerido por Seara-Cardoso et al., 2020.

Resultados

Análises descritivas

Nesta amostra 18.6% (n=21) das mulheres apresentaram propensão para traços psicopáticos, ou seja, obtiveram uma pontuação total igual ou superior a 70 no instrumento SRP-SF. A tabela 2 descreve a média e o desvio-padrão dos instrumentos utilizados neste estudo e respetivas subescalas.

Tabela 2

Média e desvio-padrão do SRP-SF e respetivas subescalas e do EPS-25 e respetivas subescalas

	M	DP
SRP-SF	57.09	16.56
Interpessoal	12.81	5.06
Afetiva	12.95	4.07
Estilo de vida	15.27	5.43
Antissocial	13.30	4.54
EPS-25	4.82	2.10
Supressão	5.58	2.63
Controlabilidade	3.36	2.51
Experiência	4.40	2.52
Sinais de emoção não processada	5.55	2.66
Evitamento	5.21	2.22

Comparação entre mulheres com e sem propensão psicopática ao nível nas características sociodemográficas e sociojurídicas

Através de testes de associação de Qui-Quadrado, foi possível constatar que existe uma associação estatisticamente significativa entre a propensão psicopática e o estado civil, a existência de filhos no contexto prisional, a idade em que iniciaram os consumos, o tipo de consumos, o tipo de crime na qual reincidiram, o roubo e as sanções disciplinares (cf. Tabela 1). Assim sendo, foi possível perceber que existe uma maior proporção de mulheres solteiras (76.2%) e uma menor percentagem de mulheres viúvas (0%) no grupo MCPP e uma maior percentagem de mulheres casadas/união de facto (33.7%) no grupo MSPP; uma maior percentagem de mulheres com filhos no contexto prisional (87%) no grupo MSPP e de mulheres sem filhos no contexto prisional (14.3%) no grupo MCPP; uma maior proporção de mulheres que iniciaram os consumos entre os 12 e os 16 anos (52.4%) no grupo MCPP e de mulheres que nunca consumiram substâncias psicoativas (54.3%) no grupo MSPP; uma maior taxa de mulheres que consomem drogas (30.4%) no grupo MSPP e de mulheres que consomem álcool e drogas (38.1%)

no grupo MCPP; uma maior percentagem de mulheres que reincidiram no mesmo crime (19.6%) no grupo MSPP e de mulheres que reincidiram num crime diferente (23.8%) no grupo MCPP; uma maior percentagem de mulheres condenadas por roubo (23.8%) no grupo MCPP e uma menor percentagem de mulheres condenadas por roubo (7.6%) no grupo MSPP; por fim, uma maior proporção de mulheres com sanções disciplinares no contexto prisional (52.4%) no grupo MCPP e uma maior proporção de mulheres sem sanções disciplinares (75%) no grupo MSPP.

Foi ainda possível observar, através de testes não paramétricos de *Mann-Whitney,* diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na idade atual e na idade da primeira reclusão (cf. Tabela 1). Mais especificamente, o grupo MSPP apresentou uma idade atual e idade da primeira reclusão mais elevadas comparativamente ao grupo MCPP.

Caracterização do estilo de processamento emocional

Analisadas as pontuações médias obtidas pelas mulheres em reclusão com e sem propensão para traços psicopáticos nas diferentes subescalas do processamento emocional (cf. Tabelas 3.2 e 3.3) foi possível perceber que as MCPP apresentaram pontuações mais elevadas na subescala supressão e pontuações mais baixas na subescala controlabilidade. Assim, estes resultados sugerem maiores dificuldade em suprimir emoções e melhores aptidões em controlar as mesmas. Já as MSPP obtiveram pontuações mais elevadas na subescala emoção não processada e pontuações mais baixas na subescala controlabilidade. Assim, MSPP evidenciaram maiores dificuldades em processar sinais emocionais e maior facilidade no controlo emocional (cf. Tabelas 3.1, 3.2 e 3.3).

Quando comparados os valores médios obtidos no total do processamento emocional e nas subescalas pela população normativa (Baker et al., 2015) com a nossa amostra total, a amostra de MSPP e a amostra de MCPP verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, exceto nas subescalas controlabilidade (cf. Tabela 3.1 e 3.3) e emoção não processada (cf. Tabela 3.3). Desta forma, de um modo geral foi possível perceber que as mulheres em reclusão, com e sem propensão para traços psicopáticos, tendem a evidenciar maiores dificuldades no processamento emocional que mulheres da amostra normativa.

Tabela 3.1

Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra total de mulheres em reclusão

EPS-25	Amostra normativa (N=965)		Amostra total de mulheres em reclusão (N= 113)		*t*	*p*	d de Cohen
	M	DP	M	DP			
Supressão	3.60	2.00	5.58	2.63	9.599	<.001	.954
Controlabilidade	3.30	2.00	3.36	2.51	.293	.770	.029
Experiência	2.90	1.80	4.40	2.52	-7.992	<.001	.795
Emoção não processada	4.10	2.10	5.55	2.66	-6.736	<.001	.670
Evitamento	3.70	1.70	5.21	2.22	-8.623	<.001	.857
Total	3.50	1.50	4.82	2.10	-8.439	<.001	.839

Tabela 3.2

Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra de MSPP

EPS-25	Amostra normativa (N=965)		MSPP (N= 92)		*t*	*p*	d de Cohen
	M	DP	M	DP			

Supressão	3.60	2.00	5.62	2.62	-8.983	<.001	.990
Controlabilidade	3.30	2.00	3.23	2.43	-10.317	<.001	-.034
Experiência	2.90	1.80	4.44	2.48	-7.554	<.001	.824
Emoção não processada	4.10	2.10	5.73	2.54	-6.976	<.001	.761
Evitamento	3.70	1.70	5.26	2.17	-8.191	<.001	.894
Total	3.50	1.50	4.85	2.01	-7.979	<.001	.871

Nota. MSPP= Mulheres sem propensão psicopática

Tabela 3.3

Diferenças nos valores médios do processamento emocional entre a amostra normativa e a amostra de MCPP

EPS-25	Amostra normativa (N=965)		MCPP (N= 21)		*t*	*p*	d de Cohen
	M	DP	M	DP			
Supressão	3.60	2.00	5.43	2.76	-4.111	<.001	.907
Controlabilidade	3.30	2.00	3.93	2.84	-1.414	.158	.312
Experiência	2.90	1.80	4.22	2.75	-3.28	.001	.724
Emoção não processada	4.10	2.10	4.78	3.06	-1.452	.147	.320
Evitamento	3.70	1.70	5.02	2.48	-3.48	<.001	.768
Total	3.50	1.50	4.67	2.53	-3.472	<.001	.766

Nota. MCPP= Mulheres com propensão psicopática

Diferenças ao nível do processamento emocional entre mulheres com e sem propensão psicopática

Quando comparado o processamento emocional entre os dois grupos, ou seja, entre a amostra de MCPP e MSPP, através de um teste não paramétrico de *Mann-Whitney*, foi possível verificar que não existiam diferenças estatisticamente significativas (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Diferenças no processamento emocional entre os dois grupos (MSPP e MCPP)

EPS-25	Amostra total	MSPP	MCPP	*U*	*p*	*Rank-biserial correlation*
	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Supressão	5.58 (2.63)	5.62 (2.62)	5.43 (2.76)	928.50	0.782	0.052
Controlabilidade	3.36 (2.51)	3.23 (2.43)	3.93 (2.84)	825.00	0.298	0.197
Experiência	4.40 (2.52)	4.44 (2.48)	4.22 (2.75)	921.50	0.742	0.062
Emoção não processada	5.55 (2.66)	5.73 (2.54)	4.78 (3.06)	799.00	0.217	0.233
Evitamento	5.21 (2.22)	5.26 (2.17)	5.02 (2.48)	920.50	0.737	0.063
Total	4.82 (2.10)	4.85 (2.01)	4.67 (2.53)	946.00	0.883	0.028

Nota. MSPP= Mulheres sem propensão psicopática; MCPP= Mulheres com propensão psicopática

Testes de correlação entre a psicopatia e o processamento emocional

Através de uma correlação de *Spearman*, foram encontradas correlações positivas estatisticamente significativas entre a faceta estilo de vida e a controlabilidade, r_s=.317, p<.001; a faceta afetiva e a controlabilidade, r_s=.344, p<.001; a faceta interpessoal e a controlabilidade, r_s=.334, p<.001, bem como entre o total da psicopatia e a controlabilidade, r_s=.328, p<.001.

Tendo em consideração apenas a amostra de MSPP, foram encontradas correlações positivas e estatisticamente significativas entre a faceta interpessoal e a controlabilidade, r_s=.336, p=.001; a faceta interpessoal e a experiência, r_s=.241, p=.021; a faceta afetiva e a controlabilidade, r_s=.344, p<.001; a faceta estilo de vida e a controlabilidade, r_s=.425, p<.001, bem como entre o total de psicopatia e a controlabilidade, r_s=.399, p<.001; o total de psicopatia e a experiência, r_s=.218, p=.037, e a faceta interpessoal e o total do processamento emocional, r_s=.241, p=.021.

Já considerando apenas a amostra de MCPP, verificou-se uma correlação positiva e significativa entre a faceta afetiva e a controlabilidade, r_s=.545, p=.011, e uma correlação negativa e significativa entre a faceta estilo de vida e o evitamento, r_s=-.470, p=.031.

Discussão

Este estudo teve como principal objetivo caracterizar o processamento emocional em mulheres em reclusão com e sem propensão psicopática, bem como comparar o processamento emocional de mulheres em reclusão com e sem propensão psicopática. Os resultados obtidos neste estudo apontam para uma baixa prevalência de mulheres com propensão psicopática (18.6%), o que vai ao encontro da literatura que conclui que a prevalência e incidência de mulheres com traços de psicopatia é mais baixa comparativamente ao sexo masculino (Pinheiro et al., 2020). É importante ter, no entanto, em consideração que as medidas de autorrelato, como foi o caso das medidas usadas neste estudo, são potencialmente menos precisas que entrevistas clínicas e que o instrumento utilizado não avalia psicopatia, mas sim propensão psicopática, o que pode também justificar a baixa prevalência de mulheres com propensão psicopática (Declercq et al., 2015; Seara-Cardoso et al., 2020). Para além disto, as pontuações obtidas no instrumento não têm em consideração as diferentes culturas existentes e as respetivas normas, que podem levar à inibição e supressão de traços de psicopatia (Pinheiro et al., 2020) e, como tal, influenciar os resultados obtidos.

A partir dos resultados obtidos foi ainda possível aferir que mulheres em situação de reclusão e mulheres com propensão psicopática apresentam maiores dificuldades em suprimir emoções e uma maior aptidão (ainda assim menor do que a da população normativa) para controlar as mesmas e que mulheres sem propensão psicopática evidenciam maiores dificuldades em processar sinais emocionais e maior facilidade no controlo emocional (ainda assim menor do que a população normativa). Do que é do nosso conhecimento não existe nenhum estudo que aborde os diferentes estilos de processamento emocional em mulheres que cometem crimes com ou sem psicopatia, pelo que os resultados do presente estudo se mostram de elevada importância. Uma possível explicação para estes resultados pode relacionar-se com o contexto prisional, isto porque como alguns autores (e.g., Mohino et al., 2004) sugerem que o tempo passado num estabelecimento prisional tem efeito nas estratégias de *coping* utilizadas, mais especificamente enfatiza que a desregulação emocional diminui consoante o passar do tempo num estabelecimento prisional (Mohino et al., 2004).

Neste estudo verificou-se, de modo geral, que existem diferenças significativas entre os diferentes grupos da nossa amostra e a população normativa ao nível no processamento emocional. Estes resultados são consistentes com um estudo de Edwards et al. (2019) que concluiu que mulheres em situação de reclusão apresentavam níveis mais baixos de inteligência emocional comparativamente à população normativa. Alguns estudos (Armstrong et al., 2020; Jackson et al., 2020) enfatizam a existência de uma relação entre a psicopatia, a fraca moralidade e baixos níveis de autocontrolo, pelo que seria de esperar que mulheres com propensão psicopática tivessem maior dificuldade no controlo de emoções em comparação com a população normativa o que é verificado no nosso estudo (Oliveira et al., 2024).

Relativamente à nossa hipótese de investigação, não foram encontradas diferenças significativas entre mulheres em situação de reclusão com e sem propensão psicopática ao nível do processamento emocional. Estes resultados não se mostram consistentes com a literatura existente (Edwards et al., 2019; Eisenbarth et al., 2008; Eisenbarth et al., 2013; Sutton et al, 2022; Verona et al., 2013) que enfatiza a existência de uma anomalia no processamento emocional em mulheres com psicopatia. Mais especificamente, estes estudos sugerem que mulheres psicopatas apresentam maior dificuldade na gestão de emoções, menor capacidade de categorização de expressões de tristeza, menor reatividade face a expressões emocionais de raiva e medo e défice na reação de sobressalto perante imagens desagradáveis comparativamente a mulheres sem psicopatia (Pinheiro et al., 2023). A psicopatia é caracterizada por um conjunto de traços, como uma fraca capacidade emocional, relacionamentos

interpessoais superficiais e comportamentos impulsivos, sendo que existem diversos estudos (e.g., Van Dongen, 2020) que realçam a incapacidade de sentir ou experienciar emoções como o cerne da psicopatia (Pinheiro et al., 2023). Uma das razões para a nossa hipótese não ter sido confirmada pode concentrar-se no facto de o presente estudo ser diferente dos existentes acerca desta temática no que toca ao instrumento utilizado para medir o défice no processamento emocional, pois, do que é do nosso conhecimento, em nenhum estudo sobre esta temática foi aplicado o EPS-25. Ademais, o EPS-25 não está validado para amostras forenses o que pode influenciar os resultados obtidos. Também o reduzido tamanho da amostra e o reduzido número de mulheres com propensão para traços psicopáticos podem ter contribuído para os resultados encontrados.

Através dos resultados obtidos neste estudo foi possível identificar correlações positivas, na nossa amostra total, entre as facetas estilo de vida, afetiva, interpessoal e o total da psicopatia e a subescala controlabilidade do processamento emocional. Estes resultados sugerem que mulheres em situação de reclusão com características associadas à psicopatia apresentam mais dificuldades em controlar os seus estados emocionais. Tendo em consideração que a psicopatia está associada a uma baixa capacidade de autocontrolo (Oliveira et al., 2024) e que a impulsividade em homens em situação de reclusão está associada a comportamentos agressivos (Wolff et al., 2013), seria de esperar um baixo controlo emocional em mulheres com traços de psicopatia o que é consistente com estes resultados. Quando analisamos apenas o grupo de mulheres sem propensão psicopática observamos correlações positivas semelhantes às anteriormente mencionadas e entre a faceta interpessoal e a experiência e o processamento emocional total, bem como entre a experiência e o processamento emocional total. Estes resultados indicam que, neste grupo, quanto maior a pontuação na faceta interpessoal maior a experiência emocional empobrecida e o défice no processamento emocional, o que corrobora com a literatura existente (Del Gaizo & Falkenbach, 2008; Eisenbarth et al., 2008; Eisenbarth et al., 2013) que apoia a existência de um défice no processamento emocional em indivíduos com traços de psicopatia. Ao analisarmos as correlações obtidas no grupo de mulheres com propensão psicopática observamos uma correlação positiva entre as facetas afetiva e a controlabilidade o que seria de esperar se tomarmos em consideração estudos (Oliveira et al., 2024, Wolff et al., 2013) que destacam a baixa capacidade de autocontrolo em indivíduos com psicopatia, que é definida pela ausência de remorsos, culpa ou empatia (Pinheiro et al., 2023). Por fim, encontramos uma correlação negativa, neste grupo, entre a faceta do estilo de vida e o evitamento, que não se mostra consistente com os resultados de estudos anteriores (e.g., Herpertz & Sass, 2000). De facto, indivíduos com psicopatia são caracterizados pela manifestação de comportamentos antissociais e pela dificuldade de aprendizagem emocional, mais concretamente nos

processos de condicionamento, pois evidenciam uma resposta reduzida face a estímulos aversivos incondicionados e dificuldade em estabelecer uma ligação entre estímulos condicionados e incondicionados (Herpertz & Sass, 2000; R. Blair, 2013). Esta dificuldade de condicionamento leva a uma menor aptidão para aprender com a punição e de desenvolver competências de evitamento, (Herpertz & Sass, 2000). Um possível motivo para este dado pode prender-se ao facto de o instrumento EPS-25 não estar validade para a população forense, bem como o SRP-SF não avaliar psicopatia, mas sim propensão psicopática. Para além disso, é importante salientar que a literatura se baseia em amostras masculinas e não tem em consideração que a manifestação dos traços de psicopatia e as dificuldades ao nível do processamento emocional difere entre homens e mulheres (Pinheiro et al., 2023; Sutton et al., 2002).

Conclusão

A pertinência deste estudo é justificada por diversos fatores. Em primeiro lugar, é de mencionar a escassez de investigações sobre esta temática em amostras de mulheres, quer a nível nacional quer internacional (Pinheiro et al., 2023). Para além disso, o presente estudo tem importantes implicações práticas e políticas que podem contribuir para melhorar a avaliação e intervenção com mulheres em situação de reclusão, bem como para o desenvolvimento de políticas públicas no sistema de justiça. Este estudo indica que mulheres em situação de reclusão, com ou sem propensão psicopática, evidenciam diferentes estilos de processamento emocional, sugerindo, por isso, a necessidade de desenvolver programas de avaliação e intervenção personalizados, por exemplo intervenções focadas em melhorar o controlo emocional. Este estudo destaca ainda a relevância de criar e validar instrumentos mais precisos para avaliar mulheres em situação de reclusão, visto que os instrumentos existentes para avaliação da psicopatia e do processamento emocional não têm em consideração as especificidades culturais e de género, o que pode levar a diagnósticos imprecisos. Mulheres em situação de reclusão com psicopatia apresentam necessidades de intervenção específicas, e, como tal, o desenvolvimento de políticas públicas no sistema prisional focalizadas na avaliação da saúde mental de mulheres com psicopatia seria uma mais-valia para garantir que estas recebem um tratamento adequado. Por fim, este estudo realça, também, a necessidade de promover políticas de prevenção e intervenção precoce em indivíduos com propensão psicopática, no sentido de reduzir a incidência do comportamento criminal associado à psicopatia e o desenvolvimento da perturbação.

Apesar das contribuições deste estudo, temos de considerar algumas limitações que podem ter levado à ausência de diferenças significativas entres os grupos de mulheres com e sem propensão para traços psicopáticos. Desde logo, destaca-se o reduzido tamanho da nossa amostra, o reduzido número de mulheres com propensão para traços psicopáticos e a utilização de medidas de autorrelato que apesar de serem mais práticas e rápidas de aplicar, têm algumas desvantagens como os resultados serem afetados pela desejabilidade social, falta de sinceridade e dissimulação, que são características muito pronunciadas nas populações psicopáticas forenses (Pinheiro et al., 2019). Por último, outra das razões poderá centrar-se no facto do instrumento EPS-25 não estar validado para a população forense e por o SRP-SF avaliar a propensão psicopática e não a psicopatia.

Assim sendo, em investigações futuras seria importante aplicar instrumentos que estejam validados para a população forense, a aplicação de um instrumento que avalie a psicopatia e que não seja de autorrelato, como a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) e ter em consideração aspetos que possam afetar o processamento emocional em mulheres em situação de reclusão, como a duração da pena, o uso de substâncias psicoativas e outras psicopatologias.

Referências bibliográficas

Ahmad, F., & Ali, R. (2015). The motivation for crimes: Experiences of criminals from district jail Karak, Khyber Pakhtunkhwa, Pakistan. *Pakistan Journal of Criminology*, *7*(4), 16.

Armstrong, T. A., Boisvert, D., Wells, J., Lewis, R. H., Cooke, E., & Woeckner, M. (2020). Assessing potential overlap between self-control and psychopathy: A consideration of the Grasmick self-control scale and the Levenson self-report psychopathy scale. *Journal of Criminal Justice*, *70*. https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2020.101725

Arnekrans, A. K. (2016). Female Criminality. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1-4. https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss533

Baker, R., Thomas, S., Thomas, P. W., Gower, P., Santonastaso, M., & Whittlesea, A. (2010). The Emotional Processing Scale: Scale refinement and abridgement (EPS-25). *Journal of Psychosomatic Research, 68*(1), 83–88. https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.07.007

Baker, B., Thomas, P., Thomas, S., Santonastaso, M., & Corrigan, E. (2015). *Emotional Processing Scale.* Hogrefe.

Bernard, A. (2013). The intersectional alternative: Explaining female criminality. *Feminist Criminology, 8*(1), 3-19. DOI: 10.1177/1557085112445304

Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Consciousness and Cognition*, *14*(4), 698–718. https://doi.org/10.1016/j.concog.2005.06.004

Brook, M., Brieman, C. L., & Kosson, D. S. (2013). Emotion processing in Psychopathy Checklist—Assessed psychopathy: A review of the literature. *Clinical psychology review*, *33*(8), 979-995. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.07.008

Campaniello, N. (2019). Women in crime. *IZA world of labor.* doi:10.15185/izawol.105.v2

Casey, H., Rogers, R. D., Burns, T., & Yiend, J. (2013). Emotion regulation in psychopathy. *Biological psychology*, *92*(3), 541-548. https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2012.06.011

de Castro Rodrigues, A., Andrade, J., Gonçalves, R. A., Cruz, A. R., & Cunha, O. (2022). In or Out: Justice-Involved Women Characterization and Their Perceptions about Penal Sanctions. *Women and Criminal Justice*. https://doi.org/10.1080/08974454.2022.2126743

Declercq, F., Carter, R., & Neumann, C. S. (2015). Assessing psychopathic traits and criminal behavior in a young adult female community sample using the Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Forensic Sciences*, *60*(4), 928-935. https://doi.org/10.1111/1556-4029.12783

Del Gaizo, A. L., & Falkenbach, D. M. (2008). Primary and secondary psychopathic-traits and their relationship to perception and experience of emotion. *Personality and Individual Differences*, *45*(3), 206-212. https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.03.019

Edwards, B. G., Ermer, E., Salovey, P., & Kiehl, K. A. (2019). Emotional intelligence in incarcerated female offenders with psychopathic traits. *Journal of personality disorders*, *33*(3), 370-393. https://doi.org/10.1521/pedi_2018_32_349

Eisenbarth, H., Alpers, G. W., Segrè, D., Calogero, A., & Angrilli, A. (2008). Categorization and evaluation of emotional faces in psychopathic women. *Psychiatry research*, *159*(1-2), 189-195. https://doi.org/10.1016/j.psychres.2007.09.001

Eisenbarth, H., Angrilli, A., Calogero, A., Harper, J., Olson, L. A., & Bernat, E. (2013). Reduced negative affect response in female psychopaths. *Biological psychology*, *94*(2), 310-318. https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2013.07.007

Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and psychopathy: A dual-pathway model. *Current directions in psychological science, 18*(3), 179-183. https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x

Habel, U., Kühn, E., Salloum, J. B., Devos, H., & Schneider, F. (2002). Emotional processing in psychopathic personality. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, *28*(5), 394-400. https://doi.org/10.1002/ab.80015

Herpertz, S. C., & Sass, H. (2000). Emotional deficiency and psychopathy. *Behavioral Sciences & the Law*, *18*(5), 567-580. https://doi.org/10.1002/1099-0798(200010)18:5<567::AID-BSL410>3.0.CO;2-8

Iria, C., & Barbosa, F. (2009). Perception of facial expressions of fear: Comparative research with criminal and non-criminal psychopaths. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, *20*(1), 66-73. https://doi.org/10.1080/14789940802214218

Islam, M. J., Banarjee, S., & Khatun, N. (2014). Theories of Female Criminality: A criminological analysis. *International Journal of Criminology and Sociological Theory*, *7*(1).

Jackson, D. B., Testa, A., & Vaughn, M. G. (2020). Low self-control and the adolescent police stop: Intrusiveness, emotional response, and psychological well-being. *Journal of criminal justice*, *66*. https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2019.101635

Karpman, B. (1941). On the need of separating psychopathy into two distinct clinical types: the symptomatic and the idiopathic. *Journal of Criminal Psychopathology*, *3*, 112–137. https://psycnet.apa.org/record/1942-00202-001

Lauriola, M., Donati, M. A., Trentini, C., Tomai, M., Pontone, S., & Baker, R. (2021). The Structure of the Emotional Processing Scale (EPS-25): An Exploratory Structural Equation Modeling Analysis Using

Medical and Community Samples. *European Journal of Psychological Assessment*, *37*(6), 423–432. https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000632

Longshore, D. (1998). Self-control and criminal opportunity: A prospective test of the general theory of crime. *Social problems*, *45*(1), 102-113. https://doi.org/10.2307/3097145

Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1st ed.). Psiquilíbrios Edições.

Mohino, S., Kirchner, T., & Forns, M. (2004). Coping strategies in young male prisoners. *Journal of youth and adolescence*, *33*, 41-49.

Neumann, C. S., Hare, R. D., & Newman, J. P. (2007). The super-ordinate nature of the Psychopathy Checklist-Revised. *Journal of personality disorders*, *21*(2), 102-117. https://doi.org/10.1521/pedi.2007.21.2.102

Novakova, B., Howlett, S., Baker, R., & Reuber, M. (2015). Emotion processing and psychogenic non-epileptic seizures: A cross-sectional comparison of patients and healthy controls. *Seizure*, *29*, 4-10. https://doi.org/10.1016/j.seizure.2015.03.007

Oliveira, J. D., Jordaan, J., & Cronjé, M. (2024). Morality, self-control, age, type of offence and sentence length as predictors of psychopathy amongst female incarcerated offenders in South Africa. *Plos one*, *19*(3). https://doi.org/10.1371/journal.pone.0299847

Pinheiro, M., Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2020). Emotions, Affections, and Psychopathy Among Female Prisoners. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 64*(6–7), 708–729. https://doi.org/10.1177/0306624X19895976

Pinheiro, M., Gonçalves, R. A., & Cunha, O. (2022). Psychopathy and Reoffending Among Incarcerated Women. *Women & Criminal Justice*, *32*(6), 556-570. https://doi.org/10.1080/08974454.2022.2094525

Pinheiro, M., Gonçalves, R. A., & Cunha, O. (2023). Emotional Processing and Psychopathy Among Women: A Systematic Review. *Deviant Behavior*, 1–25. https://doi.org/10.1080/01639625.2023.2295527

R. Blair, R. J. (2013). Psychopathy: cognitive and neural dysfunction. *Dialogues in clinical neuroscience*, *15*(2), 181-190. https://doi.org/10.31887/DCNS.2013.15.2/rblair

Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2020). Psychometric properties and construct validity of the short version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European sample. *Journal of personality assessment*, *102*(4), 457-468. https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297

Sistema de Segurança Interna (2024). Relatório anual de segurança interna 2023. Disponível em https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDEyNgEApqka1wUAAAA%3d

Sutton, S. K., Vitale, J. E., & Newman, J. P. (2002). Emotion among women with psychopathy during picture perception. *Journal of abnormal psychology, 111*(4), 610. https://doi.org/10.1037/0021-843X.111.4.610

Tully, J., Frey, A., Fotiadou, M., Kolla, N. J., & Eisenbarth, H. (2021). Psychopathy in women: insights from neuroscience and ways forward for research. *CNS spectrums*, 1-13. https://doi.org/10.1017/S1092852921001085

Van Dongen, J. D. (2020). The empathic brain of psychopaths: From social science to neuroscience in empathy. *Frontiers in psychology*, *11*. doi: 10.3389/fpsyg.2020.00695

Vasconcellos, S. J. L., Salvador-Silva, R., Dias, A. C., Davóglio, T. R., & Gauer, G. (2014). Psicopatia e reconhecimento de expressões faciais de emoções: uma revisão sistemática. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *30*, 125-134. https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200001

Verona, E., Bresin, K., & Patrick, C. J. (2013). Revisiting psychopathy in women: Cleckley/Hare conceptions and affective response. *Journal of Abnormal Psychology, 122*(4), 1088–1093. https://doi.org/10.1037/a0034062

Wang, T., & Stamatel, J. P. (2019). Cross-national differences in female offending and criminal justice processing. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice, 43*(3), 219–239. https://doi.org/10.1080/01924036.2018.1558082

Wolff, N., Morgan, R. D., & Shi, J. (2013). Comparative analysis of attitudes and emotions among inmates: Does mental illness matter?. *Criminal Justice and Behavior*, *40*(10), 1092-1108. https://doi.org/10.1177/0093854813488760

Anexo: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 153/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Emotional Processing and Psychopathy in Female Offenders*

Equipa de Investigação: Marina Leonor Pinheiro (IR), Doutoramento em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves (Orientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutora Olga Cunha (Orientadora), Universidade Lusófona, Porto

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Emotional Processing and Psychopathy in Female Offenders*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 29 de dezembro de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto